

## A vertente classicista na obra vieiriana

### *The classicist aspect in Vieira's works*

António Manuel de Andrade Moniz

Universidade Nova de Lisboa

ORCID | 0000-0003-3464-0228

#### Resumo

Numa prática recorrente da época renascentista e barroca, a obra vieiriana contempla, quer no sermão e outros discursos, quer na *História do Futuro* e *Clavis Prophetarum*, uma notável vertente classicista, integrando os principais autores gregos e romanos. Conjugada com as fontes bíblicas e patrísticas, esta vertente é utilizada, de modo pragmático, como argumento de autoridade, necessário a uma retórica epidíctica ou persuasiva do auditor/leitor. De qualquer modo, não se trata de mero exercício de erudição, mas sim de uma matriz ideológica e metodológica, de inspiração humanista, capaz de fundamentar e perspetivar toda uma análise e hermenêutica antropológica e histórico-cultural, num objetivo ético-pedagógico evidente: recentrar a história a partir da experiência humana e dos valores civilizacionais que transcendem um território e uma época determinados.

Palavras-chave: classicismo; humanismo; valores ético-pedagógicos e civilizacionais

## Abstract

Vieira's work contemplates a remarkable classical source, including main Greek and Roman authors, in Sermons and other discourses, as in *História do Futuro* and in *Clavis Prophetarum*. In fact, that is a recurrent practice on that time. This source, with the biblical and patristic authors, is a necessary argument of authority to an epidictic or persuasive discourse. Anyway, it is not a simple exercise of erudition, but a methodological and ideological matrix of humanistic inspiration able to sustain and perspective an anthropological, historical and cultural hermeneutic and analysis, aiming an evident ethical and pedagogic goal: to ground once again History in the human experience and the civilized values besides a territory and a certain era.

Keywords: classicism; humanism; ethical, pedagogic and civilizational values

Uma das mais impressionantes marcas do discurso vieiriano, quer na sua obra parenética, quer na profética, é a sua fundamentação erudita, tanto na sua vertente clássica, como na bíblica e patrística.

De qualquer modo, não se trata de mero exercício de erudição, mas, sim, de acordo com a prática recorrente da época, da sua utilização, de modo pragmático, como argumento de autoridade, necessário a uma retórica epidíctica ou persuasiva do auditor/leitor. Com efeito, ela patenteia uma matriz ideológica e metodológica, de inspiração humanista, capaz de fundamentar e perspetivar toda uma análise e hermenêutica antropológica e histórico-cultural, num objetivo ético-pedagógico evidente: recentrar a história a partir da experiência humana e dos valores civilizacionais que transcendem um território e uma época determinados.

## Mitologia clássica e o humanismo de Vieira

A Grécia e a Roma clássicas configuram no pensamento vieiriano os arquétipos de uma sociedade humanista.

No quadro mitológico de inspiração helénica, a lição ético-pedagógica dos mitos ovidianos da metamorfose é colhida como pano de fundo de uma fé misteriosa, esbatendo a incompreensão do mistério da transfiguração eucarística e da divinização humana operada pelo manjar eucarístico. Assim, em *Metamorfoses*, I, 452-600, Dafne, ninfa cujo nome já significa “loureiro”, transforma-se em louro, planta que Apolo amava, ao ser perseguida por ele. Em III, 339-526, Narciso, jovem muito belo que desprezava o amor e simboliza o defeito humano do individualismo, que viria, devido ao seu nome, a chamar-se narcisismo, apaixona-se por si próprio e deixa-se morrer, ao contemplar a sua imagem numa fonte. No local onde morreu, brotou a flor que viria a tomar o seu nome. Em VI, 146-336, Níobe, filha de Tântalo e mãe de 12 filhos, na tradição homérica (*Il.*, XXIV, 599-609), por ter declarado ser superior a Leto, que só tivera um filho, foi petrificada em mármore e os seus filhos foram mortos por Apolo e Artemis, à exceção de dois, tendo aqueles ficado sepultados durante 10 dias. Em X, 531-707, Hipómenes vence Atalanta, numa corrida, com o estratagema de lhe atirar maçãs de ouro, que Afrodite lhe dera, e assim atrasar a rival na competição, ao colher, por curiosidade, as referidas maçãs. Hipómenes não só ganhou a competição mas também a união com Atalanta, tendo ambos saciado o seu amor num santuário de Zeus. São, assim, por vingança do pai dos deuses, transformados em leões, como castigo do seu sacrilégio. Nos *Fastos*, IV, 417-434 e em *Metamorfoses*, XIV, 1-74, Glauco, pescador da Beócia, tendo comido, por acaso, uma erva que concedia a imortalidade, é transformado em deus marinho.

Os heróis épicos da guerra de Troia, configurados nos poemas homéricos e nas tragédias gregas, como exemplos literários de lição ético-pedagógica são aduzidos para entendimento dos mistérios da

fé cristã. Deste modo, o exemplo ovidiano da espada de Aquiles que feriu e sarou Télefo, rei da Mísi ilustra o efeito antagônico da eucaristia: “morte para os obstinados e vida para os arrependidos” (cf. *Tristia*, I, 99-100; II, 19-20; IV, 5, 21-22; V, 2, 15-18).

A polêmica cultural sobre o episódio da demanda das armas de Ajax e Ulisses (cf. *Met.*, XIII, 16-20, *Il.*, II, 557; VII, 183; XIII, 46; XXIII, 842; *Od.*, XI, 469) serve para elogiar a combatividade missionária de Francisco Xavier. Segundo a versão cara aos tragediógrafos (cf. Sófocles, *Ajax*, *passim*), o herói enlouqueceu por lhe terem sido recusadas as armas de Aquiles, após a sua morte, as quais Tétis, sua mãe, tinha destinado ao mais valente dos gregos. Por despeito, os troianos que foram interrogados sobre o assunto escolheram Ulisses como destinatário dessas armas, em vez de Ajax. Num acesso de loucura, este põe termo à vida. Atena castigou a injustiça feita ao herói, perseguindo os gregos. Este episódio, segundo o orador barroco, foi regado com lágrimas, como se aponta no discurso das “Lágrimas de Heráclito defendidas em Roma pelo Padre António Vieira contra o riso de Demócrito” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, XV: 162ss.). Este fervor missionário é também evocado nos sonhos do Apóstolo das Índias, citando-se, a este propósito, o descanso dos animais com a ausência do sol (cf. *Met.*, XI, 594-595). As cartas deste santo são enaltecidas, acima de todas as representações artísticas que dele se fizeram, tal como Ovídio expressou a respeito das suas próprias cartas (cf. *Tristia*, I, 11-12).

Vieira enaltece a distinção ovidiana entre as lágrimas da miséria e as da ignorância, a propósito da tragédia de Penteu (cf. *Met.*, III, 550-551), herói tebano, descendente de Cadmo, que se opôs ao culto do deus Dioniso, sendo castigado, através das Bacantes, que rasgam o seu corpo em pedaços (cf. Eurípides, *Bacantes*). A primeira mulher a atacá-lo é Agave, sua própria mãe, a qual julga, em delírio, tratar-se de um leão. As suas lágrimas são as da tragédia humana, resultante da ignorância e da miséria. O orador alude ao episódio,

declarando que as lágrimas da ignorância fazem “corar o rosto” às da miséria, acrescentando que Demócrito se ria, afinal, “das verdadeiras misérias, e do verdadeiro motivo da dor” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, XV: 167), como também expressou Ovídio (cf. *Met.* II, 19), enquanto “o pranto de Heraclito”, sendo “pelos males alheios”, era “como a água, que caindo pouco a pouco vai limando suavemente os mármore, e enfim os rompe” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, XV: 170), na alusão ovidiana (cf. *Ars Amatoria*, I, 659). As lágrimas silenciosas de Briseide (Franco & Calafate, 2013-2014, II, XV: 171), que se tornou a escrava favorita de Aquiles, na carta que lhe dirige (cf. *Heroides*, III, 133-134), testemunham o seu poder ante o coração duro de Aquiles. Foi ela que constituiu o motivo da cólera de Aquiles, quando este se recusa a combater na Guerra de Troia, por ser disputada por Agamémnon, depois de perder a escrava Criseide (cf. *Il.*, I, 31ss.; II, 688ss.).

Faetonte, filho do Sol, é assinalado no mito que registra a sua imprudência, desencadeando os perigos de uma conflagração universal, ao desviar-se do rumo da abóbada celeste, quer aproximando demasiado da Terra o carro do pai que conduzia, quer elevando-o demais nas alturas. Por isso, foi fulminado pelo pai, que o fez cair no rio Erídano. Ao contrário do ouro das armadas do Tejo, desvanecido com o tempo, esse ouro levado ao mar pelo rio, como no mito de Faetonte (cf. *Met.*, II, 251), a virtude da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia ergue-se como exemplo de magnificência perante os seus súbditos.

A imagem poética da Primavera, coroada de flores, e do Verão, coroado de espigas, disseminada pela literatura greco-latina, também é colhida em Ovídio (cf. *Met.* II, 27-28), para simbolizar os bens temporais e espirituais, “com Rute coroada de espigas; na Festa com o Rosário coroado de flores” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, IX: 234). O número ímpar dos mistérios do rosário (Franco & Calafate, 2013-2014, II, IX: 297) encontra um paralelismo com a

magia ovidiana, nos encantos de Medeia, feiticeira levada por Jasão da Cólquida, mar Negro, ao demandar o velo de ouro (cf. *Met.*, VII, 234-235). A metáfora da Via Láctea, patente em vários textos gregos e latinos, e também inspirada em Ovídio (cf. *Met.*, I, 7, 168-170), é aplicada ao rosário (Franco & Calafate, 2013-2014, II, IX: 393-396, 398-400, 401, 403, 405-407, 409-412).

### **O Império Romano e o humanismo de Vieira**

A designação de Império Romano na obra do Padre António Vieira abarca três aceções: a expansão de Roma no período republicano, para as províncias itálicas e para o exterior; a forma do regime que sucedeu à república, assente no poder de um príncipe, ou pessoa mais importante (*princeps*), relegando para segundo plano as instituições democráticas, como o Senado e os comícios populares; o Sacro Império Romano-Germânico, herdeiro do Império Romano.

A universalidade do Império Romano é interpretada pelo escritor seiscentista como meio facilitador da penetração evangélica no Velho Mundo, na carta apologética que escreveu ao padre Jácome Iquazafigo, provincial de Andaluzia da Companhia de Jesus (Franco & Calafate, 2013-2014, I, V: 84-85). Na mesma carta, interpreta a profecia de Daniel (7, 4-8) como referente aos quatro impérios, o último dos quais o romano, “na figura de uma besta de estranha ferocidade e forças, representadas por dez cornos, pelos quais na Escritura se declara a fortaleza e o poder” (Franco & Calafate, 2013-2014, I, V: 96). Identificando o “corninho” da profecia com o Islão, atribui ao Império Otomano o domínio de três partes do antigo Império Romano: “uma na Ásia, outra em África, outra na Europa” (Franco & Calafate, 2013-2014, I, V: 97). Na carta política ao conde de Castelo Melhor, elogia o exército disciplinado do procônsul Júlio César, com o qual “sujeitou ao império romano a multidão de bárbaras nações desde as ribeiras do Reno, no mar Oceano, até o Mediterrâneo” (Franco & Calafate, 2013-2014, I, V: 216).

Na terceira parte da proposta feita ao príncipe regente D. Pedro sobre o “Papel nas Cortes”, o epistológrafo, por um lado, admite a permissão de Deus ao Império Romano “para premiar as virtudes naturais que muitos dos romanos tiveram” (Franco & Calafate, 2013-2014, I, V: 340), segundo S.<sup>to</sup> Agostinho e S. Tomás, mas, por outro, atribui à Providência divina a destruição do Império Romano, dissipando as forças dos imperadores, castigando as “crueldades de Tibério, de Nero e de Calígula” (Franco & Calafate, 2013-2014, I, V: 339), permitindo, com as guerras civis de Otão, Galba e Vitélio, a rebelião das províncias do Norte, dos persas, da Macedónia e da Gália, o avanço dos vândalos, dos alanos e dos godos sobre Roma, Andaluzia, Espanha, África e Lusitânia, dos hunos sobre a Panónia, e, ultimamente, dos turcos sobre a Síria, o Egito, a Sicília e Constantinopla:

e nesta forma aquele romano império, que soberbamente se estendia desde o oceano ibérico até ao rio Tigre, e desde o monte Atlante até à selva Caledónia, e via o rio Álbis, e passava o Danúbio, o vemos reduzido a uma só província na Europa. (Franco & Calafate, 2013-2014, I, V: 339)

O Império Romano ocupa um espaço considerável no sermão-vieiriano.

No “Sermão da Primeira Domingo do Advento”, o tema da sucessão dos impérios é debatido, de acordo com as leituras proféticas de Daniel (2, 31-45; 7) e de Zacarias (1, 7-17), isto é, o da efemeridade dos impérios, já que “tudo passa”: a visão de Nabucodonosor (a estátua de quatro metais), a de Zacarias (as quatro carroças de cavalos de diferentes cores) e a de Daniel (o conflito dos quatro ventos principais, numa batalha marítima). Apesar da firmeza indiciada na estátua e na dureza dos seus metais, a variedade e a inconstância imperiais são sugeridas nas rodas das carroças e na velocidade

dos cavalos, mas, sobretudo, “na coisa mais inquieta, mudável, e instável, quais são os ventos, e muito mais quando embravecidos, e furiosos” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, I: 114-115).

O “Sermão da Sexta Sexta-Feira da Quaresma” responsabiliza os imperadores Tito e Vespasiano pelo cerco e destruição do templo de Jerusalém (ano 70), na sequência da morte de Jesus: “e porque mataram aquele Homem, vieram os Romanos, e tomaram Jerusalém, e não deixaram nela pedra sobre pedra. Que é de Jerusalém? Que é da República Hebreia? Quem a destruiu? Quem a decepou? Quem a acabou? Os Romanos” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, IV: 427).

A propósito da ambição dos Apóstolos na conquista do maior lugar entre eles, o “Sermão da Dominga Décima Sexta *post Pentecosten*” aduz o exemplo do Imperador Trajano (53-117), reportado por Plínio, o Jovem, segundo o qual “ninguém o conhecia tão pouco a ele, nem se conhecia tão pouco a si, que tivesse ousadia de lhe suceder” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, V: 273).

Diante do marquês de Montalvão, vice-rei do Brasil, no “Sermão da Visitação de Nossa Senhora”, pronunciado na Baía, o orador sacro estabelece um contraste entre a ação do romano Paulo Fábio, restaurando a Macedónia e reduzindo-a ao Império Romano, acabando “em poucos dias aquela guerra que tinham governado quatro Cônsules antes de mim, entregando-a sempre cada um a seu sucessor em pior estado” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, VII: 84), e a ação de quatro generais que governaram a guerra do Brasil, depois de ocupado Pernambuco pelos holandeses:

Passou-se a fortuna a Holanda, nós a retirar, nós a descair, nós a perder, de sorte que de quatro Generais valorosos, nenhum governou a guerra, que a não entregasse a seu sucessor em pior estado do que a recebera. (Franco & Calafate, 2013-2014, II, VII: 84)



A questão dos tributos lançados aos vassalos do Imperador Teodorico, que governou Roma (493-526) após a queda do Império Romano do Ocidente (476), e preservou o Senado e as instituições imperiais, numa atitude conciliatória, é posta no “Sermão de Santo António”, pronunciado em Lisboa (1642), atitude que é explicitada na seguinte frase, dirigida aos seus vassalos: “Eu sei que há tributos, porque vejo as minhas rendas acrescentadas; vós não sabeis se os há, porque não sentis as vossas diminuídas” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, X: 104).

A divisão do Império Romano é evocada no “Sermão de Santa Catarina Virgem, e Mártir”:

[...] um chamado Ocidental, de que continuou a ser cabeça Roma; outro chamado Oriental, de que começou a ser cabeça Constantinopla; e foram os dois novos Imperadores, do Ocidente Severo, e do Oriente Maximino, ambos tiranos, mas com os nomes trocados; porque Maximino não só foi Severo, senão o extremo da severidade, e da sevícia. (Franco & Calafate, 2013-2014, II, X: 373)

A divisão das águias romanas em duas cabeças e a estátua de Nabucodonosor simbolizam tal divisão. Fragmentada entre a cabeça de ouro (Império Assírio), peito de prata (Império Persa), ventre de bronze (Império Grego) e o resto de ferro (Império Romano), a estátua de Nabucodonosor significa a ruína de todos os impérios, incluindo o romano, bastando a queda de uma pedra para que toda ela ruísse e “naqueles dois pés divididos entre si, e cada pé dividido em cinco dedos, e cada dedo dividido em ferro, e barro, teve o seu último complemento a divisão do Império Romano” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, X: 373). À crença de Plutarco, quanto ao “perpétuo assento” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, X: 373) da Fortuna em Roma, o orador opõe a pergunta, aos imperadores romanos, “onde está aquela sua fortuna de ouro, ou o ouro daquela

fortuna” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, X: 374), pergunta à qual responde: “Busque-se em todo o Mundo o Império Romano, e não se achará dele mais que o nome, e este não em Roma, senão muito longe dela” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, X: 375). E acrescenta: “Acabaram-se as guerras, e vitórias Romanas [...]. Acabou Nero [...]; acabou Trajano [...]; acabou Marco Aurélio” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, X: 375); “porque se fiaram falsamente do Império sem fim” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, X: 376).

O “Sermão de Santo Inácio”, pronunciado em Lisboa (1669), evoca a influência no santo fundador da Companhia de Jesus da memória épica dos povos ibéricos, a par dos gregos, romanos e cartagineses: “como Roma em Cipião, e Cartago em Aníbal foram despojos de Espanha: os Cids, os Pelaio, os Viriatos, os Lusos, os Geriões, os Hércules, eram os homens com cujas semelhanças heroicas o animava” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, X: 486).

O “Sermão de Todos os Santos”, em Lisboa (1643), exalta as virgens martirizadas no Império Romano, como S.<sup>ta</sup> Cecília, S.<sup>ta</sup> Inês, S.<sup>ta</sup> Luzia, S.<sup>ta</sup> Felícula, S.<sup>ta</sup> Flávia Domitila, S.<sup>ta</sup> Dinfna, S.<sup>ta</sup> Ifigénia, S.<sup>ta</sup> Catarina e S.<sup>ta</sup> Susana.

O “Sermão Duodécimo. Da sua Proteção”, em honra de S. Francisco Xavier, cita Tácito (*Anais*, 1, 11), em relação aos limites impostos por Augusto ao Império Romano, “ou por medo ou por inveja”, medo do enfraquecimento do Império, inveja e receio de que outros tivessem maior império que o seu, como Cláudio e Trajano tiveram. Por isso, Constantino, ao criar em Bizâncio uma nova Roma, “entendeu que para sustentar um Império tão grande como o Romano não bastava uma só Roma, senão duas Romas, nem uma só Cabeça, senão duas Cabeças, como depois apareceram divididas nas Águias Imperiais” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, XII: 374).

O “Sermão de Ação de Graças pelo Nascimento do Príncipe Dom João” na Baía (1688), regressa ao tema do Império Otomano, sinal do aparecimento do Quinto Império, após a queda do Império

Romano. Segundo a interpretação do capítulo VII do profeta Daniel, “aquele *cornu parvulum* significa a Mafoma, e a sua infame seita”, que dominou grande parte de África, Ásia e até Europa, onde conquistou “três partes tão consideráveis, do que pertencia ao Império Romano” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, XIII: 243).

O “Discurso apologético”, oferecido à rainha, mas não pronunciado, volta ao tema dos impérios, a partir das “quatro feras”, do profeta Daniel, aplicando a última ao Império Romano, cujos dentes de ferro indiciam a sua força e poder:

As doze asas da Águia representavam o poder, e grandeza do mesmo Império Romano estendido, e dilatado por todo o mundo até então conhecido: e as penas das asas são os Reinos, e nações sujeitas, e dominadas, de que se compunha a grandeza, e vestia a majestade do mesmo Império. (Franco & Calafate, 2013-2014, II, XIII: 277)

O domínio dos povos colonizados por Portugal, na África, Ásia e América, escapa, porém, à tutela do Império Romano, que se havia verificado “quando os Romanos dominaram toda a Espanha” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, XIII: 280).

O “Sermão das Exéquias do Sereníssimo Infante de Portugal Dom Duarte” (1649) reproduz a cena do horto do Getsémani na qual Jesus é preso pelos soldados do Império Romano, “capitaneados por Judas” (Franco & Calafate, 2013-2014, II, XIV: 46).

O tema do Quinto Império permite ao autor da obra profética evocar repetidamente o exemplo do Império Romano, repetindo e ampliando o que havia proferido na obra parenética.

Assim, nos “Prolegómenos a toda a *História do Futuro*”, é de novo aduzido o facto da limitação da grandeza do Império Romano por Augusto, com o Senado, citando-se mais uma vez Tácito sobre a interpretação de tal facto, se fruto “do receio ou da inveja”, ex-

plicitando-se os temores do príncipe, à semelhança de Alexandre, quando dividiu o seu império:

Temeu César (se foi receio) que um corpo tão enormemente grande não se pudesse animar com um só espírito, não se pudesse governar com uma só cabeça, não se pudesse defender com um só braço; ou não quis (se foi inveja) que viesse depois outro imperador mais venturoso que trespassasse as balizas do que ele até então conquistara, e fosse ou se chamasse maior que Augusto. (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 78)

Citando a *Eneida*, de Virgílio (VIII, 625-629), o referido texto profético alude às armas do herói épico, forjadas pelo deus Vulcano, com as quais conquistou Itália e “fundasse naquelas terras o famosíssimo império romano, que pelos fados lhe estava prometido”, esculpindo no seu escudo “as histórias futuras das guerras e triunfos romanos” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 103).

Citando Clepero, interpreta do ponto de vista astrológico a sujeição do Império Romano a Espanha, unida a Portugal, ou seja, o império cristão, sujeição simbolizada na conjunção do signo sagitário (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 304). Citando Cyprianus Leovitius, interpreta a estrela Cassiopeia como símbolo da ruína do Império Romano: “O certo é que os decretos desta estrela te serão, ó Europa, calamitosos e perversos, sobretudo ao império romano e a seus membros” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 308).

Na *História do Futuro*, continua o desenvolvimento do tema profético do Quinto Império, em comparação com os restantes. A datação da história de Roma, a partir de Rômulo e as suas “primeiras choupanas”, é contabilizada em 700 anos, na qual é contemplada a duração do Império Romano, a partir de Júlio César, em 400 anos, “com sucessão de 35 imperadores até o grande Constantino” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 437). Segue-se a divisão do Império

em oriental e ocidental, simbolizada nas duas cabeças das águias romanas. O Império Oriental, em quase 1000 anos, contou com 84 imperadores até ser vencido pelo Império Otomano. O Império do Ocidente ressuscita, em 800, com a coroação de Carlos Magno como “*Imperator Romanorum*”, fazendo a sua sede na Alemanha, “ficando Roma como cabeça da Igreja” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 437). A simbologia do ferro, aplicada ao Império Romano, é explicada, a partir do profeta Daniel (2, 40), em função das qualidades deste metal: “assim como o ferro lima, bate, corta e doma todos os metais, sem haver algum que lhe possa resistir, assim o império romano e o poder invencível de suas armas havia de abater, desfazer, sujeitar e dominar todos os outros impérios” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 442). A simbologia dos pés da estátua serve para enfatizar a base de sustentação dos outros impérios pelo Império Romano: “assim como os pés da estátua sustentavam e tinham sobre si o peso e grandeza de toda ela, assim o império romano teve sobre si e em si o peso e grandeza de todos os outros impérios que nele se uniram e ajuntaram” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 442). Por outro lado, a divisão do Império é significada na divisão dos pés em 10 dedos, ou 10 reinos: “Portugal, Castela, França, Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Moscóvia, Polónia e Estado ou império do Turco, e o mesmo império romano que compreende Alemanha e Itália” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 444). Os pés, parcialmente formados de ferro e de barro, indiciam as virtualidades e as fraquezas não apenas do Império Romano, mas também dos reinos dele derivados, como França, Inglaterra, Suécia e Espanha, os quais, incapazes de se unirem numa “liga firme”, herdaram o espírito divisionista de Rômulo e Remo:

Nasceu juntamente com Roma esta fatal desunião contra o respeito do sangue, em Rômulo e Remo: viu-se no casamento de Pompeu com Júlia, filha de Júlio César, e no de Marco António

com Octávia, filha de Octávio, quão facilmente se desatam; antes se armam contra si as mesmas mãos que pelo matrimónio se uniram. (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 446)

Depois de evocar os robustíssimos romanos, os “maiores capitães e imperadores, como Cipião, Pompeu, César, Augusto, Vespasiano, Trajano, Constantino, Teodósio” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 458), exalta os “valentíssimos, audacíssimos e fortíssimos” espanhóis, que “conquistaram estas regiões novas e incógnitas, não pelejando contra homens, como os antigos romanos, senão contra os ventos, contra os mares, contra o céu, contra o sol, contra todos elementos e contra a mesma natureza a que venceram e contrastaram” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 458).

No comentário à “Visão da besta”, anunciada no livro do Apocalipse (17, 1), a Mulher assinalada é reconhecida como Roma, “a cidade grande que tem império sobre os reis da terra”, a “cabeça do império romano”, no tempo da perseguição de Domiciano contra os cristãos, simbolizando a cor vermelha dos vestidos da besta e da Mulher o sangue dos mártires. As “sete cabeças da besta” representam as sete colinas da cidade: Capitólio, Palatino, Célio, Esquilino, Viminal, Quirinal e Aventino (Franco & Calafate, 2013-2014, III, I: 570).

Na questão 4.<sup>a</sup>, é estabelecido, a partir das visões de Daniel (o “ferro e barro da estátua”, a “4.<sup>a</sup> besta”, a “4.<sup>a</sup> carroça”) um contraste entre o Império Romano e o de Cristo, ou Quinto Império, em múltiplos aspetos: um, “corruptível”, o outro, “eterno”; um, “particular”, o outro, “universal”; um, “violento e tirânico”, o outro, “justo, legítimo e santo”; um, “adquirido por ferro e força de armas”, o outro, “dado por Deus” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, II: 267).

O Império Romano surge como interpretação mais plausível de S. João Crisóstomo da Segunda Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses (2, 6), a propósito da manifestação do Anticristo

(Franco & Calafate, 2013-2014, III, III: 235-236). Assim, acrescenta Vieira, como opinião comum da patrística, “que a sobredita divisão do império romano assinada por São Paulo foi dada [26v.] por sinal da vinda do Anticristo” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, III: 239).

Perante a Inquisição, em Coimbra (1663), o acusado sustenta que “é sentença de {alguns} Padres, e teólogos, que [...] o Império Romano há de durar até o fim do mundo” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, IV: 124). Em 1666, o declarante é confrontado com a afirmação de “o dito seu Quinto Império espiritual, e temporal de Cristo, como tem dito, há de começar com a extinção do império Romano, e durar mil anos” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, IV: 218). Confirmando que o Quinto Império virá com a extinção do Império Romano, porque “quando se fala em extinção do dito Império, não é extinção absoluta, senão extinção dele na Casa de Áustria”, acrescenta que “o Império Romano há de sair daquela casa, e passar-se à Real de Portugal” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, IV: 420).

Na *Clavis Prophetarum*, o Império Romano é comparado com o de Cristo: “nascidos quase ao mesmo tempo e sempre continuados até à época presente” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, V: 200); “o Reino de Cristo é completamente diferente do império romano, conquanto a mesma Roma, que foi capital de um, o seja também do outro” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, V: 200); “Outrora Roma era a cabeça do mundo estando à frente com senhorio terreno, e hoje com a religião divina” (Franco & Calafate, 2013-2014, III, V: 200);

o império romano, na época da sua máxima extensão, encerrava-se entre os limites do Mar Negro e do Estreito de Gibraltar [...], ao passo que o Império de Cristo, espalhando-se muito para além do Oceano, não só senhoreia o Velho Mundo, que nunca obedeceu na sua totalidade aos romanos, mas também o Novo, ou melhor, os Novos, com uma extensão quase incomensurável, desde o Oriente ao Ocidente. (Franco & Calafate, 2013-2014, III, V: 201)

## Conclusão

Disseminada ao longo da obra vieiriana, a vertente classicista configura não apenas a prática recorrente da época de sustentar, como argumento de autoridade, naquela cultura os pontos de vista expostos, mas também um quadro de valores ético-pedagógicos constitutivos de uma sociedade designada como humanista.

Com efeito, quer através dos mitos épicos e trágicos aduzidos, quer através da citação dos principais autores clássicos, essa sociedade é continuamente delineada, configurada e proposta como objetivo referencial essencial e inalienável.

O exemplo do Império Romano, concebido como o quarto na sucessão dos impérios universais e precedendo o de Cristo, não deixa de interpelar os leitores e ouvintes de Vieira, tanto nos seus aspetos positivos como negativos, apontando uma orientação para a chamada *História do Futuro*, alicerçada na Palavra inspirada e n'A *Chave dos Profetas (Clavis Prophetarum)*.

## Bibliografia

- Franco, J. E. & Calafate, P. (dir.) (2013-2014). *Obra Completa Padre António Vieira*. S.l.: Círculo de Leitores.
- Ovídio (1925, 1928, 1930). *Les Métamorphoses* (I-V; VI-X; XI-XV). Paris: Les Belles-Lettres.
- Ovídio (1928). *Les Héroïdes*. Paris: Les Belles-Lettres.
- Ovídio (1968). *Tristes*. Paris: Les Belles-Lettres.
- Ovídio (1992). *Les Fastes*. Paris: Les Belles-Lettres, 2 vols.
- Ovídio (2002). *L'Art d'Aimer*. Paris: Les Belles-Lettres.
- Ovídio (2010). *Les Remèdes à l'Amour*. Paris: Les Belles-Lettres.
- Virgílio (1992). *Eneide*. Paris: Les Belles-Lettres.
- Vieira, A. (1959). *Sermões*. Porto: Lello & Irmão Editores.